

PENSO, LOGO FILMO: O PROTAGONISMO JUVENIL NO MINUTO LUMIÈRE¹

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha

Acadêmica do curso de Pedagogia e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPI

Leonam Costa Oliveira

Professor Mestre do curso de Medicina da UFPI

Samuel Pires Melo

Professor Doutor do curso de pedagogia da UFPI

RESUMO

Esse trabalho é parte das vivências do Projeto de Extensão Cinema e Educação: despontando cidadania para além dos muros da UFPI, do curso de Licenciatura em Pedagogia. Desde 2014, vem possibilitando uma reflexão nos espaços formais e não formais do litoral piauiense, através de diálogo com a produção cinematográfica de diferentes categorias e gêneros. Em 2016, procurou dialogar com as escolas do Ensino Médio de Parnaíba e Luís Correia, estado do Piauí, buscando contribuir para o protagonismo juvenil por meio do cinema, usando da prerrogativa de colocar em prática a Lei nº 13.006/14, que obriga que todas as escolas de educação básica exibam duas horas de cinema nacional por mês. Com a execução da oficina foi proporcionado a juventude realizar práticas iniciais do cinema pelo "minuto Lumière". O relato possibilitou observar que os participantes demonstraram que sabem enquadrar sua realidade de maneira a fazer um direcionamento desse olhar.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Educação. Juventude.

INTRODUÇÃO

O cinema permite uma aproximação da nossa realidade a partir do que se vivifica no outro, onde se pode ter e compartilhar um conhecimento de maneira singular e intensa. Assim, com esse relato de experiência será possível verificar como a juventude faz a relação do ambiente em que vive ou que está interagindo de alguma forma e que dimensões são prioritárias para elas, de maneira a direcionar pistas para o trabalho formal e não formal com os jovens na área da 7ª arte e de outras culturas, pois se perceberá o que estão vendo e como veem o mundo.

Nesse sentido, concordamos com Freire (1996), que o papel da educação se dá para proporcionar a mudança nas pessoas e estas transformarem o mundo. O que culmina com o estudo com a juventude que tem assumido relevância por sua presença em diferentes espaços e no seu papel transformar deles.

Mas, o que é a juventude? Nesse estudo levaremos em consideração o termo juventudes abordado por Bourdieu (1983), que considera a tentativa de definir as múltiplas juventudes que estão localizadas nos espaços formais e informais, a possibilidade de distinção entre jovens que vivem os mesmos espaços de sociabilidades, como nas escolas que apresentam um conjunto de subjetividades impossíveis de serem segmentados no grupo.

Dentro desse processo de construção é verificado que a tarefa da educação contribui para o direcionamento do olhar, ou seja, ensina a ver, pois quando o educando tem seu olhar educado, este

¹Projeto de Extensão Cinema e Educação: despontando cidadania para além dos muros da UFPI/ Campus Ministro Reis Velloso.

passa a olhar o mundo de maneira que veem aquilo que precisa ser transformado. E isso vem fortalecido pela regulamentação da lei 13.006/14 que torna obrigatório a exibição de filmes por, no mínimo, duas horas mensais, de produção nacional presente no componente curricular integrado à proposta pedagógica da escola (FRESQUET, 2016).

É conhecido que pouco se tem valorizado sobre o cinema nacional, principalmente por não se ter um local apropriado para a exibição de filmes. E muitas vezes, assistir filmes em casa ou na escola se configurava como a parte ilustrativa do conteúdo curricular da escola (SILVA, 2013).

Nessa direção, o estudo compreende a análise dos resultados da construção da produção audiovisual a partir da metodologia do Minuto Lumière, nos mais diversos espaços, a partir de uma oficina com a juventude, e como a influência desse espaço pode proporcionar uma resignificação do seu olhar e assim passar a reconhecer o cinema não simplesmente como conteúdo curricular ou de entretenimento da indústria cultural.

Juventude, Cinema e Educação

Ao querer entender o retrato criado pelos jovens e suas diferentes formas de vivenciar o processo de aquisição de novas linguagens, vislumbra-se que ao mesmo tempo que os jovens são sujeitos, eles são objetos do discurso (des)construidores dos olhares.

É pensando nisso que se pode observar o quanto os irmãos Louis e Auguste Lumière possibilitaram criar um dispositivo que deu um novo direcionamento a arte. Principalmente quando se vê na relação social com o uso da imagem e com a realidade por meio de diversos discursos que se articulam em torno da decifração dos saberes científicos que instiga a juventude (FREIRE FILHO & HERSCHMANN, 2006).

Assim, surgiu o cinema no século XVIII. Com a técnica da fotografia, que a partir de uma combinação de lanterna mágica com imagens fixas de filmes sem movimento foi considerada a invenção do século. Com a invenção do cinema, diversos cientistas contribuíram para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da película fotográfica. Porém, os primeiros a fazerem e projetarem filmes (fotografia animada) foram os irmãos franceses Louis e Auguste Lumière em 1895 (FERRAZ & CABRAL, 2013).

A maneira como o cinema vem se projetando possibilita relacionar com a juventude, que para Bourdieu (1983), a juventude é construída socialmente, não se podendo falar do jovem como se ele fosse uma unidade social, mas um grupo constituído com interesses comuns, intrinsecamente relacionados com as imagens em movimento.

Assim, esse interesse comum em torno do cinema gira pelo mundo que se filma que está em constante mudança, e aquele que o filma utiliza um novo lugar para a câmera, com corte, sobreposição que nunca antes estiveram juntos e nem ensinado nas práticas transformadoras e criativas.

Por isso, as práticas com cinema possibilita a alteridade entre a juventude que trabalham e inventam juntos, pois permite que se descubra a força que existe em criar um ponto de vista sobre o mundo ou um lugar e depois dar uma parada para ouvir e ver o que nunca antes havíamos parado para escutar ou olhar.

O Minuto Lumière corrobora com esse exercício, pois antecipa boa parte de uma série de desafios da linguagem e da relação com o outro. Por meio dele é possível estimular uma percepção e uma criação em torno do cinema. Em que mesmo sem o uso da câmera é possível desenvolver uma atividade de enquadramento levando em consideração os mesmos princípios.

Nessa perspectiva, ao se colocar em prática um Minuto Lumière, o maior interesse não é dominar e fixar códigos da linguagem cinematográfica, mas perceber que a maneira como se filma desnaturaliza e elabora novos sentidos da imagem e do cotidiano. Segundo Migliorin (2014, p. 40) o jovem deverá utilizar três gestos fundamentais para sua execução:

a escolha - o que se quer filmar? Pessoas, gestos, sons, cores, luzes?; a disposição - o posicionamento das coisas em relação umas às outras: onde coloco a minha câmera para captar esses elementos que escolhi filmar? De que forma disponho esses elementos diante da câmera para que sejam mais significativos, o que incluo ou deixo de fora do quadro?; O ataque - refere-se a agir, determinar o momento preciso para iniciar um minuto de filmagem. Qual é o momento para acionar o botão de gravação?

METODOLOGIA

A metodologia utilizada consistiu no relato de experiência de uma fase do Projeto de Extensão Cinema e Educação: despontando cidadania para além dos muros da UFPI, nas escolas do Ensino Médio estaduais de Parnaíba - PI.

As atividades foram desenvolvidas a partir da parceria realizada com as escolas do Ensino Médio estaduais de Parnaíba e de Luís Correia (PI) e a Primeira Regional de Educação. Essas parcerias possibilitaram a realização de uma oficina de produção de documentário.

Inicialmente, os participantes foram questionados se gostavam de assistir filmes e se conheciam a Lei 13006/14 que torna obrigatório a exibição de filmes por duas horas nas escolas de Ensino Básico. Em seguida discorremos a experiência com Cinema no ensino formal e depois com a técnica de produção de filmes, com explicações e exibições de documentários.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando foi perguntado se gostavam de assistir filmes, todos responderam positivamente. E ao serem questionados se conheciam da Lei 13.006/14 que se refere a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais nas escolas, de pelo menos duas horas mensais, todos responderam negativamente, pois desconheciam completamente.

Com essa falta de informação dos educadores e educandos como poderão implementar essa Lei? E como selecionar os filmes nacionais para exibidos na escola?

Nesse sentido, concordamos com Fresquet (2016, p. 8) quando diz que “se desejamos o cinema na escola é porque imaginamos que a escola é um espaço, um dispositivo, em que é possível inventar formas de ver e estar no mundo [...]”

A primeira parte da oficina se deu com a apresentação da experiência do Cinema no contexto educacional que ficou na responsabilidade de um professor de uma escola pública do município de Parnaíba (PI) que apresentou o projeto desenvolvido por quatro anos na escola que trabalha e a dificuldade que encontrou para dar continuidade após a mudança da gestão da escola e a falta de apoio por parte dos outros professores e da própria Gerência Regional de Educação. Na parte prática foram apresentados alguns estudantes que participaram da experiência com depoimentos e os filmes e documentários produzidos.

Segundo Hall (1997) é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

Na segunda parte da oficina foi conversado sobre o “Meu olhar sobre a Cidade”, com um produtor local que tentou motivar os participantes para se apaixonarem pelo cinema.

Basta ter uma ideia, uma vontade, uma determinação para fazer cinema. O filme nos diverte, nos inquieta, nos chama atenção para esse olhar crítico. Use sua câmara para registrar tudo que acontece ao redor de você, pois tudo é motivo de filmagem. Ao assistir filmes aprenderão a enquadrar e a produzir seus próprios filmes (COMUNICAÇÃO ORAL DO PALESTRANTE).

Em continuidade foi possível compreender os passos para elaboração de um filme/documentário. O que filmar? Por que filmar? Quando filmar? Onde filmar? Como filmar? Tudo começa com uma ideia de documentar. Por meio do cinema, um acontecimento ou fato desperta sua atenção.

Ao ser apresentado como se deu o minuto Lumière com a exibição dos primeiros documentários produzidos no cinema, os participantes foram direcionados para que fizessem a sua produção de vídeo de um minuto, com a câmera parada, usando como instrumento celular, câmera fotográfica simples. Assim, se deslocaram para diversos ambientes que passaram a filmar o que lhe chamava atenção. Como resultado teve a produção de 41 filmes que foram exibidos e conversados sobre o que se via na imagem para serem enfatizadas as técnicas que foram conversadas durante o encontro.

Com as apresentações foi possível perceber que cada pessoa escolhe uma imagem a partir do seu olhar, embora trabalhando em grupo o que prevalecia era a identidade de cada um. Com os resultados separamos por categorias do que foi produzido para integrar os documentários. Assim, ficou a classificação: um na categoria esporte; dois em edificações; três sobre escolas e um de sinal de alerta; nove sobre elementos da natureza; 10 pessoas nas mais diversas atividades; e 13 avenida, com suas distintas implicações.

Nos resultados foi possível ver filmagens de lagartas; uns dos outros; avenida onde passavam carros, motos; Escola Liceu; Hotel; universidade - UFPI. Enfim, com esse momento pode-se perceber o entusiasmo da juventude para o fazer ao apresentar o seu olhar além do que se era filmado. A qualidade técnica da produção das imagens fechou o aprendizado.

Nesse sentido, compartilhamos as ideias de Fresquet (2016, p. 16) quando se refere à produção própria da juventude:

Ver cinema, em alguma medida, nos coloca na disposição de criar. Se no início criamos apenas imagens, ideias, sentimentos a partir da projeção, ativamos a nossa imaginação, em breve estaremos sendo tomados pela necessidade de filmarmos. Ver e fazer são frente e verso de uma mesma práxis. Primeiro mentalmente, mas em breve, na ação, na escrita com e sobre os filmes. Mesmo com recursos tão simples como um celular ou uma câmera fotográfica, apostamos na potência dessa arte para promover o ato criativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sonho de tornar possível a aplicabilidade da Lei é imprescindível pelo papel formador da escola e ao mesmo tempo do social. Assim, com o uso de oficina para produção de documentário foi possível verificar a vontade da juventude em estabelecer a conexão com o cinema e a educação e encaminhar a possível proposta local com a produção de curtas da região, tendo a juventude, como protagonista.

Mas, a implementação vai além do trabalho com a juventude, pois precisa de políticas públicas que ajudem a democratizar o acesso aos filmes nacionais e a valorização das ações existentes locais.

Portanto, acreditamos em um cinema que, no encontro com a escola, venha a produzir aprendizagens significativas de maneira a aprender e a desaprender e que não pressuponha um saber pronto e que seja capaz de oferecer espaço de experiência entre sujeitos e entre eles o conhecimento.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra! Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

FERRAZ, A. F.; CABRAL, O. Além das telas: educando através da linguagem cinematográfica. In: LINHARES, R. N. (Org.) **Anais do 4º Simpósio de Educação e Comunicação**. Aracaju - Universidade Tiradentes – UNIT, 2013.

FREIRE FILHO, J. & HERSCHMANN, M. As culturas jovens como objeto de fascínio e repúdio da mídia”. In: ROCHA, Everardo et al. (Orgs) **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro: MAUD X/ Ed. PUC-Rio, 2006, p. 143-154.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRESQUET, A [org.]. **Cinema e educação**: A Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção. <http://www.cineop.com.br>. Acesso em 13.03.2016.

HALL, S. “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) Representation. **Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

MIGLIORIN, C. [et al.]. **Inventar com a diferença**: cinema e direitos humanos. Niterói: Editora da UFF, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.